RELAÇÕES ENTRE VULNERABILIDADE SOCIAL E EVASÃO ESCOLAR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

RELATIONSHIPS BETWEEN SOCIAL VULNERABILITY AND SCHOOL DROPOUT: AN INTEGRATIVE REVIEW OF THE LITERATURE

DOI: <https://doi.org/10.22388/2525-5894.2018.0062>

Carolina Macedo - Assistente Social Mestranda do Programa de Educação e Saúde na Infância e Adolescência – UNIFESP - cacamacedo@hotmail.com

João Gabriel Trajano Dantas - Terapeuta Ocupacional Mestrando do programa de Educação e Saúde na Infância e Adolescência – UNIFESP – gabrieldantas.to@gmail.com

Daniela Coelho- Pedagoga Mestranda do Programa de Educação e Saúde na Infância e Adolescência – UNIFESP. daniela.coelho@cmc.com.br

Denise De Micheli - Professora Adjunta do Departamento de Psicobiologia e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência – UNIFESP; demicheli.unifesp@gmail.com

Resumo

O presente trabalho trata-se de revisão integrativa da literatura, que buscou evidenciar e discutir as principais relações entre vulnerabilidade social e evasão escolar, como as políticas públicas surgem para proteger crianças e adolescentes de vulnerabilidades e outras questões; a partir de publicações indexadas nas bases de dados Scielo, Pubmed e Lilacs entre 2005 e 2016, utilizando a combinação das seguintes palavras-chave: Adolescentes; Vulnerabilidade Social e Educação, indexadas na plataforma de 'Descritores em Ciência da Saúde'. Seguindo os critérios de inclusão, totalizaram-se 12 estudos selecionados para análise, que apontam a evasão escolar como consequência de uma série de interferências que são percebidas e alguns potencializadores de vínculos positivos entre os jovens e as escolas.

Descritores: Adolescentes; Vulnerabilidade Social e Educação.

Abstract

It is an integrative review of the literature, which sought to highlight and discuss the main relationships between social vulnerability and school evasion, as public policies arise to protect children and adolescents from vulnerabilities and other issues; from publications indexed in the databases Scielo, Pubmed and Lilacs between 2005 and 2016, using the combination of the following keywords: Adolescents; Social Vulnerability and Education, all indexed in the 'Health Science Descriptors' platform (DeCS, 2017). Following the inclusion criteria, 12 studies were selected for analysis, which point to school dropout as a consequence of a series of interferences that are perceived and some positive linkers between young people and schools.

Key-words: Adolescents; Social Vulnerability and Education.

INTRODUÇÃO

A origem do conceito 'vulnerabilidade' perpassa pelo momento histórico da epidemia da AIDS, vivida cerca de 25 anos atrás, que com o auxílio da epidemiologia criou-se a noção de fatores de risco, principalmente no que diz respeito à comportamentos que os sujeitos apresentam que os aproximem dos agravos à saúde (AYRES, 2006). Desta forma, o conceito de vulnerabilidade abordado pela presente pesquisa apoia-se nas reflexões de Ayres (2006) que é amplamente utilizado nas discussões sobre promoção à saúde, prevenção de agravos e também inserido no campo social ao relacionar as condições socioeconômicas de famílias e espaços comunitários com baixo poder econômico.

A adolescência é a fase que marca a transição entre a infância e a vida adulta, segundo a Organização Mundial de Saúde, é adolescente o indivíduo que está na faixa etária dos 10 aos 19 anos, no Brasil o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069 dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente e considera adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Essa fase é caracterizada por transformações do corpo, psicológicas, sociais, culturais, entre outras, se inicia com mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade (EISNTEIN, 2005). Comparando com conceito de vulnerabilidade, localizamos o adolescente enquanto sujeito que possui comportamentos de risco que, muitas vezes, são respostas referentes ao próprio processo de desenvolvimento, seja associados à aspectos socioculturais ou biológicos e neurológicos.

Justamente pela vulnerabilidade à experimentação, em busca do prazer, em concomitância a importância da influência do grupo social, álcool e drogas, por exemplo, devem ser considerados como ponto de total atenção. Hábitos de dependência que se tornam frequentes em um cérebro em formação, permanecem na vida adulta.

A estrutura dopaminérgica se reduz a um terço dos receptores, o que, segundo Herculano, faz com que, em quase totalidade, precisem de experiências mais intensas, que estimulam mais a liberação da substância, para sentir prazer. “Essa mudança, por si só, é a principal responsável pela maioria dos comportamentos típicos do adolescente, como a busca de novidades, os excessos (como ouvir música alta) e o comportamento de risco, que também gera euforia e produção de dopamina. E tudo isso não é ruim, pois a procura pelo prazer é o que move o adolescente a descobrir coisas novas e a buscar independência”. (HERCULANO-HOUZEL, 2005)

Portanto, nesse percurso os adolescentes podem viver experiências que interfiram nessas transformações, como gestação precoce, uso de substâncias, conflitos com a lei, pois são considerados como um segmento da população de elevada vulnerabilidade devido a estrutura social encontrada no Brasil (AYRES, 2006; MELO, et al., 2007).

Políticas públicas no Brasil, vem surgindo com intuito de proteger crianças e adolescentes de vulnerabilidades e outras questões, estratégias em busca da consolidação de direitos e atenção a essa faixa etária, como a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens e o PSE – Programa Saúde da Escola política intersetorial da Saúde e Educação instituída em 2007 para o desenvolvimento da

cidadania e da qualificação das políticas voltadas às crianças, adolescentes, jovens e adultos da educação pública brasileira.

Como afirma Bradenbrug (2012, p. 2), a falta de acesso a escolarização é outro fator importante de vulnerabilidade que aumenta entre os jovens e adolescentes se for considerada a futura inserção no mundo do trabalho e de bens culturais.

O Relatório *Situação da Infância e da Adolescência Brasileira 2009 – O Direito de Aprender: Potencializar avanços e reduzir desigualdades* destaca os avanços e desafios na educação no Brasil medindo oportunidades de acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da Atenção Básica. A publicação apresenta dados que vem de encontro ao objetivo desta revisão, identificando situações de vulnerabilidade social que favorecem o abandono da escola, como a gravidez na adolescência, considerada como uma das principais causas de evasão escolar entre as meninas, que a cada 100 crianças em famílias não vulneráveis, 80 vão completar o Ensino Fundamental na idade correta, no entanto para crianças inseridas em famílias vulneráveis apenas 5 vão completar na idade correta e apenas 64% das crianças conseguem completar com o Ensino Fundamental com a idade esperada.

A discussão sobre vulnerabilidade social é complexa e multifatorial, são diversos os fatores que intensificam processos de desigualdade social, tais como: pobreza, baixa escolaridade, áreas de moradia, baixa oferta de serviços públicos, etc. O Sistema educacional, não passa despercebido nesse processo, sofre o impacto das vulnerabilidades emergidas no território.

Dentro do ambiente escolar, esse impacto pode ser traduzido em diversos aspectos, dentre eles encontram-se as taxas de evasão escolar, onde crianças e adolescentes que apresentam dificuldade no aprendizado ou no processo de inscrição escolar acabam abandonando os estudos.

Dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) apontam que:

“Um em cada quatro alunos que inicia o ensino fundamental abandona a escola antes de completar a última série. Em dados publicados pelo INEP em Julho de 2017, 12,9% e 12,7% dos alunos matriculados na 1ª e 2ª série do Ensino Médio, respectivamente, evadiram da escola de acordo com o Censo Escolar entre os anos de 2014 e 2015. O 9º ano do ensino fundamental tem a terceira maior taxa de evasão, 7,7%, seguido pela 3ª série do ensino médio, com 6,8%. A propósito, o Brasil tem a terceira maior taxa de abandono escolar – 24,3 % - entre os 100 países com maior índice de desenvolvimento humano (IDH)” (PNUD, 2013).

Dessa forma, é nossa responsabilidade enquanto sociedade civil e profissionais da saúde e educação, implicados no processo de transformação social, conhecer os fatores que influenciam no processo de evasão escolar, com o objetivo de propor mudanças que alterem este cenário.

Tendo em vista que a escola é um espaço prioritariamente (não exclusivamente) juvenil e, como dito acima, garantido por políticas públicas questiona-se se as situações de vulnerabilidade intensificam eventos de evasão escolar, caso positivo quais seriam essas influências, como caracterizá-las? É a partir desses questionamentos que surge a presente pesquisa, que utiliza a revisão integrativa como abordagem metodológica, com o objetivo de verificar as relações entre vulnerabilidade social com evasão escolar, compilado de informações em meios eletrônicos com o propósito de uma revisão de literatura de pesquisa.

METODOLOGIA

A Prática Baseada em Evidências (PBE) tem sido cada vez mais valorizada tanto no meio acadêmico quanto profissional. É caracterizada como “Abordagem de solução de problema para a tomada de decisão que incorpora a busca da melhor e mais recente evidência, competência clínica do profissional, valores e preferências do paciente ao cuidado prestado” (MENDES, et.al., 2008, pg.759)

A PBE fortalece as práticas de saúde e educação, resgata situações e experiências vivenciadas no cotidiano de trabalho e as sustentam numa discussão fortalecida por reflexões teórico-práticas, fazendo com que o profissional adquira maior autonomia para lidar com os resultados esperados de suas próprias

intervenções, tirando o mesmo do automatismo alienante e colocando-o numa postura com pensamento crítico e proposições práticas cada vez mais condizentes com as realidades de seus trabalhos e territórios, onde reflete nos artigos e trabalhos encontrados situações que são vivenciadas, ajudando na tomada de decisão, seja ela clínica ou institucional.

É neste contexto que a Revisão Integrativa entra como um instrumento da PBE, uma metodologia criteriosa que ajuda na seleção de melhores evidências sobre determinado assunto. É uma metodologia bastante útil para os profissionais de saúde e educação, pois auxilia na escolha de uma possível intervenção e amplia diversos olhares que tangem uma mesma temática. Sendo assim, a Revisão Integrativa:

“É a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também, dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências e análise de problemas metodológicos de um tópico particular” (SOUZA, pg. 103, 2010)

É desta forma que a presente pesquisa se encontra, uma Revisão Integrativa que objetiva identificar fatores que possam interferir no engajamento escolar de adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Para a concretização da pesquisa, três bases de dados foram selecionadas para realização das buscas, sendo elas: Scielo, Pubmed e Lilacs. Foi utilizada a combinação das seguintes palavras-chave: Adolescentes; Vulnerabilidade Social e Educação, todas indexadas na plataforma de ‘Descritores em Ciência da Saúde’ (DeCS, 2017).

Serão incluídos artigos em português publicados no Brasil entre os anos de 2005 e 2016, que relacionam de algum modo, fatores que interferem no engajamento escolar de adolescentes em situação de vulnerabilidades. Serão Excluídos da pesquisa aqueles que não abordam a problemática proposta.

RESULTADOS

A partir dos descritores utilizados e dos critérios de inclusão e exclusão citados anteriormente, foram encontrados 140 artigos nos bancos de dados Lilacs (121), Scielo (19) e PubMed (3). Após a leitura dinâmica dos títulos e resumos de todos os artigos encontrados e a posterior análise dos mesmos, apenas 11 contemplaram os critérios de inclusão, inseridos na tabela (Tabela 1) contemplando as variáveis: data de publicação, autor, título e banco de dados.

A adolescência é um importante momento de mudanças neurais e hormonais, que impactam diretamente no desenvolvimento biopsicossocial de cada um.

Se pensarmos em evasão escolar, vulnerabilidade social e adolescência, aspectos se correlacionam como engrenagens de um relógio: o grupo social interfere tanto na necessidade de aceitação, sensação de pertencimento e validação de escolhas e comportamentos importantes a ele, como na modelagem oferece do que é culturalmente relacionado àquele grupo.

Grande parte dos artigos relacionados como fonte de pesquisa, relata estudos de casos em que, uma interferência sistemática, engajada no olhar biossocial e multifatorial, que influenciam diretamente em um índice significativo de evasão escolar e que conte com empenho de gestores e da sociedade civil, por meio de políticas públicas baseadas na dignidade, justiça social e saúde pública, tais ‘índices podem ser reduzidos.

Tabela 1 e 2 - Artigos selecionados segundo: data de publicação, autor, título e banco de dados.

Nº	Título	Autores	Banco de Dados	Data da publicação
1	Efetividade do atendimento psicossocial na continuidade escolar de adolescentes em vulnerabilidade social.	PAULA, Tassiane Cristine Santos de; MOREIRA, Fernanda Gonçalves; ANDREOLI, Sergio Baxter.	SciELO e Lilacs	2016
2	Escola e Organização Não Governamental. Educação formal e não-formal de jovens da periferia de Fortaleza	FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de.	SciELO	2007
3	Criando contextos ecológicos de desenvolvimento e direitos humanos para adolescentes.	Ana Paula Lazzaretti de Souza; Luciana Dutra-Thomé; Eva Diniz Bensaja Dei Schiró; Camila de Aquino Moraes; Silvia Helena Koller.	SciELO e Lilacs	2010
4	A convivência familiar e comunitária é direito da criança e do adolescente e uma realidade a ser repensada pela escola.	NERY, Maria Aparecida.	SciELO e Lilacs	2010
5	Relatos de gestores da assistência social, educação e segurança pública sobre o enfrentamento da violência.	VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza; OLIVEIRA, Antonia Karoline Araújo; MOREIRA, Deborah Pedrosa; PEREIRA, Aline de Souza; CATRIB, Ana Maria Fontenelle; LIRA, Samira Valentim Gama.	SciELO e Lilacs	2015
6	Oficinas de atividades com jovens da escola pública. Tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional.	LOPES, Roseli Esquerdo; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira; TRAJBER, Natalia Keller de Almeida; SILVA, Carla Regina; CUEL Brena Talita.	SciELO e Lilacs	2011
7	Acompanhamento individual e articulação de recursos em terapia ocupacional social. Compartilhando uma experiência.	LOPES, Roseli Esquerdo Lopes; MALFITANO, Ana Paula Malfitano; SILVA, Carla Regina Silva; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira.	SciELO e Lilacs	2011
8	Juventude pobre, violência e cidadania.	LOPES, Roseli Esquerdo; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira; MALFITANO, Ana Paula Serrata; TAKEITI, Beatriz Akei; SILVA, Carla Regina; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira.	SciELO e Lilacs	2008
9	Preciso estudar para ser alguém: Memória e representações sociais da educação escolar.	AIFF, Luciene Alves Miguez; SA, Celso Pereira de; NAIFF, Denis Giovanni Monteiro.	SciELO	2008
10	Reflexões sobre a saúde dos homens jovens. Uma articulação entre juventude, masculinidade e exclusão social.	NASCIMENTO, Marcos; SEGUDO, Márcio; BARKER, Gary.	SciELO e Lilacs	2011
11	Tempo de engajamento nas áreas de ocupação de adolescentes inseridos em uma escola pública.	MARTINS, Sofia Martin; CONTIJO, Daniela Tavares.	Lilacs	2011

DISCUSSÃO

Os artigos inseridos neste estudo buscaram, de alguma forma, correlacionar fatores que podem, em diferentes níveis, estar associados com a evasão e abandono escolar. Houveram artigos que apontaram recursos e intervenções capazes de possibilitar uma maior vinculação com a escola ou instituição, gerando maior reflexão sobre os elementos que interferem na vinculação dos adolescentes em situação de vulnerabilidade aos espaços institucionais.

Ao passo que a escola é o local cujo grupo social é robusto o suficiente para fornecer tais modelos e fornecer importantes indicativos de atitudes ao adolescente, por outro lado, a organização do currículo escolar é maçante, sem grandes desafios e pouco atrativa, oferecida à cérebros ávidos por novas sensações e emoções. Nos dados do projeto “Todos pela educação”, amplia-se ainda a análise da visão de orientação à jovens e aos pais à respeito da importância da permanência dos alunos em escolas, envolvendo sociedade, educação e gestores sociais.

Muitas vezes a violência surge enquanto aspecto estrutural da sociedade, sendo produto das relações de vulnerabilidade social existentes no território, nesse sentido, “a violência é também atribuída às condições precárias da população, inerentes ao processo de desfiliação social que predispõe à vulnerabilidade de crianças e adolescentes” (VIEIRA, et. al., 2015, pg 236). Mesmo com a ideia de que é “impossível se educar e transmitir valores por meio de atos violentos, como substitutivos de limites, diálogos e vínculo” (VIEIRA, et. al., 2015, pg233), sua presença no espaço escolar é antiga e multifatorial.

Os autores (VIEIRA, et. al., 2015 e LOPES, et.al., 2014) destacam para a existência de ideias contraditórias que permeiam a concepção da violência para dentro do ambiente escolar, este pode surgir enquanto espaço que protege estudantes diante situações de violência como também pode se configurar enquanto espaço onde a violência circula e é produzida. Sua ampliação, fator que influencia diretamente no engajamento e aprendizado dos estudantes, é justificada pela falta de profissionais qualificados para identificação e manejo adequado nessas situações, desta forma, Vieira et.al. (2015) alertam para a importância da aproximação das famílias nos serviços de saúde e educação para que estratégias possam ser pensadas, apontando para um enfrentamento intersetorial, envolvendo todos os setores da sociedade e redes de serviços articulada para oferecer atenção e suporte às situações de violência. O Apoio social surge enquanto fator de proteção, onde as lideranças têm importante papel no acompanhamento comunitário nos casos onde a situação de violência é identificada.

A evasão escolar se dá como consequência de uma série de interferências que são percebidas no comportamento de risco dos estudantes, tais comportamentos podem ser resultados de aspectos da vulnerabilidade do território e aspectos estruturais da própria escola, sendo assim, “se dá como deserção, um ato demissional, a partir da constatação clara de que aquele espaço pouco lhe diz respeito” (LOPES, et.al., 2014, p. 280). Independente dos fatores que levaram ao abandono escolar, a falta do sentimento de pertencimento à escola surge como um importante eixo disparador da evasão escolar (LOPES, et.al. 2014; LOPES, et. al. 2008; NAIFF, et. al. 2008; NASCIMENTO, et. al. 2011). Tal eixo também é produto de um processo que se desenrola ao longo dos anos, no qual diversos elementos interagem entre si, interferindo diretamente em seu surgimento.

Sobre os problemas de ordem comportamental dos adolescentes pode-se pontuar que o uso (PAULA, et. al., 2016) e tráfico de substâncias psicoativas (NASCIMENTO, et. al. 2011); agressividade e violência (NASCIMENTO, et. al. 2011, VIEIRA, et. al., 2015) e gravidez precoce (PAULA, et. al., 2016) são elementos que surgem relacionados à vulnerabilidade social em que muitos adolescentes estão inseridos, ou seja, tais comportamentos podem refletir os territórios em que circulam. Mesmo não estando relacionado aos comportamentos dos adolescentes, mas respondendo às questões do território, o trabalho informal também surge como fator que incrementa o processo de evasão escolar (NASCIMENTO, et. al., 2011).

A escassez de relações saudáveis, a dificuldade do reconhecimento do outro pouco coloca a escola enquanto espaço que possibilita troca (NAIFF, et. al. 2008), tornando-a asséptica às relações interpessoais, um fator a ser melhor desenvolvido para que estratégias de intervenção possam ser pensadas. Neste ponto, esbarramos em outra dificuldade, autores apontam para a falta de produção acadêmica sobre exemplos de intervenções possíveis, uma insuficiência das políticas educacionais (NAIFF, et. al. 2008 e MARTINS e CONTIJO, 2011), o que sugere a existência de ações com pouca continuidade, distanciadas da realidade escolar (NAIFF, et. al. 2008).

Desta forma, refletir e propor ações intersetoriais que possam mudar o cenário do abandono escolar é tarefa dos serviços de educação, saúde, assistência social (PAULA, et. al., 2016; SOUZA, et.al., 2011; MARTINS e CONTIJO, 2011) e também da sociedade civil.

A proposição de espaços críticos com metodologias participativas que foquem no protagonismo juvenil, criando espaços férteis para o fortalecimento de vínculos, investindo nas relações interpessoais e incentivando a autonomia dos adolescentes, surgem como possibilidades de mudanças de comportamentos de risco (PAULA, et. al., 2016; SOUZA, et.al., 2011; LOPES, et. al. 2008; MARTINS e CONTIJO, 2011). Tais espaços podem ser propostos tanto pela saúde (Unidades Básicas de Saúde), assistência social (Centros de Convivência para Crianças e Adolescentes no contraturno escolar) quanto vinculados à própria escola, reforça-se que ações coletivas e intersetoriais onde os serviços interagem entre si no acompanhamento dos adolescentes, mostra-se como estratégia de rede que melhor responde à diversidade das necessidades dos adolescentes.

Quando se propõe um espaço, uma oficina de atividades, esta surge como um importante elemento mediador de trocas entre os participantes, o que amplia os vínculos destes com o espaço e com os profissionais (SOUZA, et.al., 2011; VIEIRA, et. al., 2015; LOPES, et. al. 2008).

Dentro do ambiente escolar, percebe-se o papel do professor como pilar a ser fortalecido, pois influencia diretamente na aprendizagem e permanência dos adolescentes na escola (LOPES, et.al. 2014),

Outro elemento interessante que surge enquanto potencializador de vínculos para com as instituições é a alimentação (SOUZA, et.al. 2011; NAIFF, et. al. 2008). Os autores apontam para a importância do fortalecimento dos vínculos positivos para a escola (LOPES, et.al. 2014), para que esta seja um espaço de acolhimento, onde o adolescente sinta-se pertencente e aceito (LOPES, et.al. 2014; LOPES, et. al. 2008; NAIFF, et. al. 2008).

Desta forma, faz-se necessário ampliar o repertório de espaços de pertencimento dos adolescentes no território (SOUZA, et.al. 2011; VIEIRA, et. al. 2015; LOPES, et.al. 2011; LOPES, et.al. 2014), minimizando o impacto que a vulnerabilidade social possa ter na modulação de comportamentos de risco, fortalecendo o adolescente no que diz respeito ao seu protagonismo diante a sociedade, ao seu importante papel de transformação social para que enxergue a escola como um espaço de potência, e que esta seja de fato um espaço multiplicador de vivências positivas para os estudantes, que suas paredes sejam mais flexíveis às necessidades e demandas do território em que se encontra e dos seus próprios alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise e compilações dos dados coletados por meio das revisões bibliográficas, apresentados nessa pesquisa, romper com a retroalimentação do ciclo vulnerabilidade social e evasão escolar, a partir das informações fornecidas pelos estudos de caso e índices sociais, envolvem múltiplas frentes de trabalho, envolvendo investimento do poder público em melhorias de condições sociais e educacionais. A falta de perspectiva de elevação de nível social e melhoria da qualidade de vida, através da escolarização, aliada às dificuldades de aprendizagem surgidas e a precariedade do ensino no Brasil, fazem com que os índices de evasão sejam maiores entre jovens inseridos num contexto de vulnerabilidade social. (INEP, 2017; FREITAS, 2007; LOPES, 2014).

Em curto prazo, para intervir nesse quadro, os estudos acima citados mostram que espaços alternativos de convivência e lazer, que promovam a aprendizagem de expressões artísticas, musicais, corporais ou esportes, tem impacto diretamente positivo nas relações sociais que estes adolescentes estabelecem, fazendo com que sintam-se pertencentes a um grupo, e, por essa razão, reduz-se a possibilidade de envolvimento com substâncias psicoativas.

Em longo prazo, o ciclo evasão-vulnerabilidade requer ação conjunta do poder público, investindo para assegurar condições mínimas em qualidade de vida e melhoria nos serviços da educação, saúde e assistência social, perpassando por estruturas físicas, formação e capacitação dos envolvidos no processo e na

reestruturação do currículo escolar, de forma a minimizar índices, que fazem com que o Brasil esteja em terceiro lugar no índice de evasão escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYRES, J. R. de C. **O jovem que buscamos e o encontro que queremos ser: a vulnerabilidade como eixo de avaliação de ações preventivas do abuso de drogas, DST e AIDS entre crianças e adolescentes.** Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/sau_a.php?t=002>. Acesso em: Set. 2017.

BRASIL. Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais. Inep divulga dados inéditos sobre fluxo escolar na educação básica, Junho de 2017, <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206> Acesso em out/2017

BRASIL. Decreto no. 6.286, de 5 de Dezembro de 2007. **Institui o Programa Saúde na Escola e dá outras providências.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2007/Decreto/D6286.htm>. Acesso em: Set. 2017.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: Ministério da Justiça, 1990. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: Set. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde.** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 132 p.: il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf>. Acesso em: Set. 2017

EISENSTEIN, E. **Adolescência: definições, conceitos e critérios.** Adolesc Saude. 2005;2(2):6-7. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167>. Acesso em: Out. 2017.

FREITAS, I. C. M. de. **Escola e Organização Não Governamental: educação formal e não-formal de jovens da periferia de Fortaleza.** Cad. CRH, Salvador, v. 20, n. 49, p. 77-94, Apr. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792007000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792007000100007>.

LOPES, R. E. et al. **Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional.** Interface (Botucatu), Botucatu, v. 15, n. 36, p. 277-288, Mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000100021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832011000100021>.

LOPES, R. E. et al. **Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ação com jovens pobres na cidade.** Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional. v.22, n. 3, p. 591-602, 2014. Disponível em <<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1114>>. Acesso em Out. 2017. <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2014.081>.

LOPES, R. E. et al. **Juventude pobre, violência e cidadania.** Saúde soc., São Paulo, v. 17, n. 3, p. 63-76, Sept. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902008000300008>.

MARTINS, S.; GONTIJO, D. T. **Tempo de engajamento nas áreas de ocupação de adolescentes inseridos em uma escola pública.** Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 162-171, aug. 2011. ISSN 2238-6149. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14134>>. Acesso em: Out. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i2p162-171>.

MENDES, K. D. S. SILVEIRA, R. C. C. P. GALVÃO, C. M; **Revisão integrativa: método de pesquisa para incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.** Texto Contexto Enferm. 2008 out-dez; 17(4): 758-64.

NAIFF, L. A. M.; S. A, C. P. de; NAIFF, D. G. M. **Preciso estudar para ser alguém: memória e representações sociais da educação escolar.** Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 18, n. 39, p. 125-138, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000100012>.

NASCIMENTO, M., SEGUNDO, M., BARKER, G. **Reflexões sobre a saúde dos homens jovens: uma articulação entre juventude, masculinidade e exclusão social.** In: GOMES, R., org. Saúde do homem em debate [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 111-128. ISBN 978-85- 7541-364-7. Available from SciELO Books.

NERY, M. A. **A convivência familiar e comunitária é direito da criança e do adolescente e uma realidade a ser repensada pela escola.** Cad. CEDES, Campinas, v. 30, n. 81, p. 189-207, Aug. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622010000200005O&lng=en&nrm=iso>. Acesso em Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622010000200005>.

PAULA, T. C. S de; MOREIRA, F. G. and ANDREOLI, S. B. **Efetividade do atendimento psicossocial na continuidade escolar de adolescentes em vulnerabilidade social.** Epidemiol. Serv. Saúde [online]. 2016, vol.25, n.4, pp.789-798. ISSN 1679-4974. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2237-96222016000400789&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742016000400012>.

SILVA, M. S.; ALCÂNTARA, P. I. (Org.). **O Direito de Aprender: Potencializar avanços e reduzir desigualdades.** Brasília, DF. UNICEF, 2009. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/pt/siab_capitulos.pdf>. Acesso em Set. 2017.

SOUZA, A. P. L. de et al. **Criando contextos ecológicos de desenvolvimento e direitos humanos para adolescentes.** Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 21, n. 49, p. 273-278, Aug. 2011. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200015>.

SOUZA, M. T. SILVA, M. D. CARVALHO, R.; **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. Einstein, 2010; 8(1 Pt 1): 102-06. Acesso em Out. 2017.

VIEIRA, L. J. E. S. et al. **Relatos de gestores da Assistência Social, Educação e Segurança Pública sobre o enfrentamento da violência**. Cad. saúde colet., Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 231-238, Sept. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2015000300231&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462X201500030118>.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE A INFÂNCIA/UNIVERSIDADE SANTA ÚRSULA (CESPI/USU) & Promudo. **Children, Youth and their Developmental Supports: Strengthening family and community support for children and youth in Rio de Janeiro – initial results 2000-2001**. Rio de Janeiro: Cespi, Promudo, 2001

BRASIL. Todos pela Educação. **Brasil tem a 3ª maior taxa de evasão escolar entre 100 países, diz Pnud** [internet]. São Paulo: Todos pela Educação; 2013. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2013/03/14/brasil-tem-3-maior-taxe-de-evasao-escolar-entre-100-paises-diz-pnud.htm>> Acesso em: Out. 2017.